

O ANJO PORNOGRÁFICO: NELSON RODRIGUES

Marília de Melo Pereira
(G – FAFIJA)

Tânia Aparecida Tinonin da Silva
(Orientadora – FAFIJA)

Devido a uma produção tão peculiar, muitos seriam os adjetivos que qualificariam a obra do fantástico dramaturgo carioca Nelson Rodrigues. Por meio de uma obra totalmente revolucionária, o escritor foi um divisor de águas para o teatro brasileiro. Muitos aspectos foram abordados nos escritos do teatrólogo, mas é inegável que a tragédia e a pornografia foram as características mais envolventes de sua obra. Tais aspectos foram constantes no próprio cotidiano do escritor, o que indica que a história de sua própria vida refletiu profundamente em sua obra.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife - PE, em 23 de julho de 1912. Mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança, cidade que serviu de palco para praticamente todas as suas obras e onde viveria por toda a sua vida.

Seu pai, o jornalista Mário Rodrigues, após ter trabalhado como empregado em um jornal carioca, consegue, em 1920, fundar o próprio jornal intitulado de “A Manhã”, quando Nelson, com apenas treze anos, inicia sua carreira jornalística.

Em 1928, após ter perdido o jornal "A Manhã", Mário consegue fundar o diário “A Crítica”. A família Rodrigues trabalhou intensamente na produção do jornal recém fundado. Nelson escrevia na página de polícia, enquanto Mário Filho cuidava dos esportes e Roberto, um talentoso desenhista, fazia as ilustrações. Este jornal pode ser considerado como o motivador da primeira tragédia na vida de Nelson.

Em 26 de dezembro de 1929, “A Crítica” noticiou em sua primeira página a separação do casal Sylvia Serafim e João Thibau Júnior. A ilustração assinada por Roberto Rodrigues sugeria um possível adultério por parte de Sylvia, o que gerou uma grande polêmica na sociedade carioca. Diante da enorme repercussão dos fatos, Sylvia, totalmente estérica e descontrolada, invadiu a redação do jornal e disparou contra Roberto. Nelson testemunhou o atentado e a agonia do irmão que morreu dias depois. A partir deste momento a vida do escritor nunca mais foi a mesma. A morte do irmão, a quem Nelson tanto admirava, devido ao seu caráter e enorme talento artístico, tornou-se uma ferida profunda, que jamais cicatrizou, refletindo em toda sua produção artística.

Não só Nelson, mas toda a estrutura da família Rodrigues começou a ser modificada a partir do assassinato de Roberto. Mário Rodrigues, deprimido e inconformado com a perda do filho tão querido, faleceu poucos meses depois, provavelmente de tristeza e desgosto.

Para piorar ainda mais as coisas, Sylvia era apoiada pelas sufragistas e por boa parte da imprensa concorrente de “A Crítica” e, ao ser julgada, acabou sendo absolvida do crime.

Durante a Revolução de 30, a gráfica e a redação de “A Crítica” foram inutilizadas, o que culminou no fechamento do jornal. Com a ausência do patriarca e sem a fonte de sustento, a família Rodrigues mergulhou em uma profunda crise financeira.

Tentando ajudar a família a não cair na mais profunda decadência, Nelson e seu irmão Jofre começaram a trabalhar para sustentar a casa, não tendo horários, tampouco descanso, levando uma rotina totalmente desregrada e exaustiva. Todos os esforços dos irmãos Rodrigues para não permitir que a família caísse na miséria, refletiriam em mais um aspecto trágico. A rotina insalubre foi motivadora de uma grave doença para ambos: a tuberculose.

Com a ajuda de Roberto Marinho, a quem seria grato pelo resto da vida, Nelson conseguiu retirar-se do Rio de Janeiro para tratar-se em Campos do Jordão. Seu irmão Jofre não conseguiu ter a mesma sorte, falecendo ainda jovem. A morte de Jofre, seu irmão mais novo, foi mais uma grande “pancada” na vida do escritor.

Recuperado da tuberculose, voltou ao Rio e assumiu a seção cultural de “O Globo”, fazendo crítica de ópera. É no jornal que conhece Elza Bretanha, com quem se casou em 1940. A partir deste momento, Nelson se divide entre o emprego em no jornal e a elaboração de peças teatrais.

Algum tempo depois, Nelson é marcado por mais uma grande perda. O irmão Paulinho morre, vítima de um desabamento. As tragédias familiares do dramaturgo ainda continuam.

No período da ditadura, seu filho, Nelson Rodrigues Filho, torna-se guerrilheiro e acaba ficando preso durante sete anos. Este é o pior momento da vida do escritor. Possuindo um amor paterno incondicional, seus ânimos começam a se abater e sua saúde começa a decair, devido a problemas gastroenterológicos e cardíacos de que era portador, além do agravamento da parcial cegueira, adquirida ainda na juventude. Para piorar ainda mais as coisas, é neste momento que o casamento com Elza chega ao fim. Inicia, então, um relacionamento com Lúcia Cruz Lima, com quem teve uma filha, Daniela, nascida com

problemas mentais.

A vida foi extremamente cruel com Nelson Rodrigues. Perdeu o irmão Roberto, o pai, motivador de seu talento jornalístico, o irmão Jofre, companheiro nas horas mais difíceis e o irmão Paulinho, de maneiras tão estúpidas. A morte foi uma presença constante na vida de Nelson e o castigou profundamente. Não bastassem as mortes, o filho Nelsinho é preso pela ditadura, a quem, até então, Nelson Rodrigues apoiava. Quando o “rosário” de adversidades parecia ter se encerrado, tem uma filha que nasce com sérios problemas mentais.

O drama terrível existente na obra rodrigueana é perfeitamente explicado por suas trágicas perdas familiares desde a juventude. A vida tão desventurada de Rodrigues serviu-lhe como motivação para a escrita de suas magníficas tragédias. Se pelo lado afetivo a vida do escritor foi uma desgraça, no lado profissional, a desgraça foi motivadora de uma das características mais importantes e sensacionais de sua obra.

Um homem que “sobreviveu” a todos os fatos narrados anteriormente, com certeza não seria um simples escritor, aquele que simplesmente atende aos anseios do grande público. É fato que quando escreveu sua primeira peça “A mulher sem pecado”, não o fez motivado simplesmente pela ânsia da composição, mas sim por um motivo urgente: dinheiro. Naquela época o dramaturgo passava dificuldades financeiras e a escrita de uma peça poderia tirar-lhe do sufoco, de uma forma rápida e segura.

Nelson poderia ter seguido uma trajetória previsível, criar comédias de costumes, com textos fáceis, que atrairiam grande simpatia do público. Mas um homem movido por um espírito revolucionário, precisa de algo mais do que simplesmente agradar, precisa mexer com os ânimos do público.

“A mulher sem pecado” não ajudou o escritor a se livrar de seus problemas financeiros, porém contribuiu para que o autor conhecesse sua própria capacidade dramática. Em sua estréia a peça já rendeu debates. A platéia fez comentários diversos, intitularam-na de mórbida, inverossímil, monótona e a crítica da época conseguiu ser ainda mais ferrenha declarando que a composição era de má qualidade.

O próprio Nelson compreendeu exatamente porque era alvo de tantas rejeições:

“Os críticos achavam minha linguagem pobre. O que eles queriam era a eloquência, a sublitteratura, enquanto eu partia para a palavra viva, ainda, suada de vida, suada de rua, suada de cotidiano, suada de paixão. Se não tenho outras virtudes, tenho esta e a reivindico para mim: - a de ter um diálogo extremamente teatral” (CASTRO, 1992, p. 13).

Sabia que o teatro brasileiro, com todo o seu repertório “para rir”, é algo melancólico demais e conseguiu compor um bom teatro, aquele que “sacode o público”, provocando a discussão, a discórdia, enfim a reação dos espectadores, que saíam dos teatros com um misto de raiva e amor, embora não reconhecido.

Apesar da repercussão de “A mulher sem pecado” não ter sido das mais animadoras, Nelson sentiu uma espécie de apoteose e decidiu escrever “Vestido de noiva.” Foi nessa peça que depositou toda a sua ousadia, compondo um texto sem ordem cronológica, com fatos acontecendo simultaneamente. Incrivelmente, a obra tão ambiciosa, fez com que conquistasse o que pode ser entendido como consagração.

“Vestido de noiva” trouxe toda a glorificação esperada por um escritor. Conquistou a platéia e o público em geral, mas após esta peça, conheceu o peso de ser um gênio incompreendido, como afirmaria anos mais tarde: “Com ‘Vestido de noiva’ conheci o sucesso; com as peças seguintes, perdi-o, e para sempre” (apud CASTRO, 1992, p. 21).

Depois de “Vestido de noiva”, nunca mais seria aclamado:

“A partir de ‘Álbum de família’ – drama que se seguiu a ‘Vestido de noiva’ – enveredei por um caminho que pode me levar a qualquer destino, menos ao êxito. Que caminho será este? Respondo: de um teatro que poderia se chamar assim – ‘desagradável’. Porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na platéia” (apud CASTRO, 1992, p. 21).

Para as pessoas da época o teatro rodrigueano classificava-se como desagradável. Desagradável, porque despertava os piores sentimentos, mexia com os instintos pervertidos e trazia a tona a verdadeira essência do ser humano: a pornografia.

“Álbum de família” pode ser considerado como o ponto inicial de repressão aos aspectos pornográficos do autor. A peça não obteve o destino para o qual foi escrita. Barrada pela censura, não chegou ao palco, mas foi apresentada ao público, anos mais tarde, em livro, despertando nos leitores uma furiosa criticidade. Rotularam-na excessivamente incestuosa, mórbida, imoral, sacrílega, entre outros adjetivos. Não conseguiam compreender que Nelson tinha predestinação a temas obscenos e pornográficos e esse era o “segredo” de sua arte.

Em toda a história escrita, muito antes dos incidentes com a família, desde os seis, sete anos, existia sempre alguém traindo alguém. Muitos não compreendiam sua tamanha insistência em um mesmo tema, mas para ele o ser humano só tinha duas opções na vida: ser ou não ser traído.

Seu espírito sempre foi questionador. Quando era criança passava horas observando os vizinhos: queria descobrir quem eram os adúlteros. Ao iniciar sua carreira jornalística, com apenas treze anos, os relatos de crimes passionais e pactos de morte, aguçavam a imaginação do adolescente, que utilizaria muitos fatos reais em suas crônicas futuras. O dinheiro que ganhava no jornal gastava tudo em prostíbulos, tamanha era sua curiosidade e gosto pelos aspectos sexuais.

Ao escrever “Toda nudez será castigada”, inspirou-se na nudez de Marilyn Monroe e de uma vizinha louca, presenciadas ainda na infância. Possuía uma habilidade fantástica ao trazer fatos do cotidiano para a escrita e dar vida às criaturas de sua imaginação. Com isso, conseguiu imprimir, na maior parte de seus personagens, uma característica na qual acreditava profundamente: ninguém é fiel a ninguém. É por isso que tudo que escreveu foi tão desmesurado e desaforado.

Os críticos diziam que toda sua obra gravitava em torno de sexo. O que lhe incomodava intensamente era o falso puritanismo existente na alma humana. Não via inconveniente nenhum na temática sexual e não entendia porque um assunto amoroso provocava tamanha turbulência nas pessoas.

Inúmeras vezes fora rejeitado e fortemente condenado pela própria platéia. Em uma representação de “Perdoa-me por me traíres”, uma senhora, loura, grã fina, muito perfumada, com um audacioso decote, após o término da peça, subiu em sua cadeira e o chamava energicamente de tarado. Profundo conhecedor da alma humana, sabia que por trás daquela aparente “virtude” existia uma mulher absolutamente desfrutável.

Os realmente virtuosos admiravam suas peças, elogiavam o texto, faziam comentários pertinentes porque tinham a verdadeira nobreza para fazê-lo. Já as pessoas realmente depravadas demonstravam tamanho horror pelo que viam ser encenado. Com as peças, Nelson aprendeu o mais abominável medo do ser humano - o que está profundamente impregnado em sua alma. As pessoas odiavam Nelson Rodrigues porque ao verem as taras, as obsessões e a pornografia, conseguiam enxergar a si próprias no palco.

O público via os personagens rodrigueanos como monstros. Ele sabia criar monstros como ninguém. Não eram monstros por suas características obscenas, descaradas e profanas. Eram monstros porque tocavam o íntimo de uma sociedade de aparências, fazendo-os lembrar de suas piores taras sexuais, de seus mais perversos desejos, coibidos perante os demais.

“Nossas vidas estão submetidas à lei. Nossos desejos são censurados. Nossos medos são camuflados, adormecidos. Mas a vida dos filmes, dos romances do sensacionalismo é aquela em que a lei é enfrentada, dominada ou ignorada, em que o desejo se torna logo em amor vitorioso, em que os instintos se tornam violências, golpes, homicídios, em que os medos se tornam suspenses e angústias” (MORIN, 1987, p. 117).

Em “A mulher sem pecado”, o personagem Olegário é um obsessivo. Apresenta características perversas em seu íntimo e desconfia das pessoas que estão ao seu redor. Cria uma falsa paralisia, com a finalidade de testar a fidelidade de sua esposa. A mulher, acuada, envereda-se para um caminho tortuoso, instigada, indiretamente, pelo próprio marido. Olegário é um homem perturbado e pervertido. Deseja a traição, mas quando ela ocorre, realmente, não consegue suportar e comete suicídio.

De modo geral, praticamente todos os personagens rodrigueanos oscilam entre o desejo da dignidade, do amor e da pureza e a atração doentia pelo universo físico, o mundo do corpo, do sexo, do vício, dos instintos, enfim as características mais inconscientes do ser humano. Preferem, normalmente, mergulhar no universo dos prazeres “proibidos” e caem na autodestruição. O que mais condena esse homem atolado na lama é “esse desejo de ascender ao paraíso, mesmo estando condenado ao inferno”.

“Toda nudez será castigada” mostra claramente o jogo entre o céu e o inferno existente no cotidiano da existência humana. Herculano, hipocritamente moralista, cai nos braços de uma prostituta, devido à influência do irmão que o detestava. Envolvido perdidamente com a mulher, seu filho Serginho, revoltado com as atitudes do pai, envolve-se em uma briga e acaba preso. Na cadeia sofre as mais terríveis situações. É estuprado por um ladrão boliviano e decide vingar-se do pai e da prostituta. Influenciado por seu tio Patrício envolve-se com Geni. O triângulo amoroso existente naquela casa tem um fim dramático: Serginho foge com o ladrão boliviano, Geni suicida-se e deixa uma gravação para Herculano, na qual confessa o adultério.

Não é possível considerar o que Nelson Rodrigues diz como verdade ou mentira. As moléstias da alma humana sempre existiram e continuarão a atormentar os hipócritas por todo o sempre.

Tinha um inferno na alma. Identificava tudo que era considerado sujo e reproduzia da maneira mais perturbadora possível. Irreverente, sarcástico, mórbido, questionador, inquieto, rebelde, tarado, enfim estas são algumas características do perfil de um homem que abriu as portas para o teatro moderno brasileiro. Por acreditar em seus propósitos, na mudança dos padrões “clássicos” do teatro brasileiro e pela imensa fidelidade a

si mesmo, tornou-se o maior teatrólogo do país. É por isso que permanece na alma de todos aqueles que um dia ousaram conhecer sua obra. Talvez fosse seu destino: ser reconhecido e aclamado por sua posteridade.

O mais fascinante de toda a história de Nelson Rodrigues é que ele conseguiu fazer tudo o que fez, ser tudo o que foi e, ainda é, preservando o olhar de menino, pois assim eram vistos os pedófilos, assassinos, gigolôs e outros personagens, com um eterno olhar de menino.

Para concluir esta breve descrição das características de Rodrigues, destaca-se um trecho da biografia escrita por Ruy Castro, em uma definição do próprio escritor:

“Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico” (apud CASTRO, 1992, p. 35).

Referências

CASTRO, Rui. *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo (1, Neurose)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo de Nelson Rodrigues*. v. 1. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo de Nelson Rodrigues*. v. 3. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. *Biografia*. Disponível em: <http://www.releituras.com.br/nelson_bio.asp.html> Acesso em: 04 de agosto de 2007.

_____. *Críticas e comentário*. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/nelson_rodrigues/criticase_comentarios.html> Acesso em: 29 de julho de 2007.

_____. www.klickescritores.com.br/pag_imortais/fr_nelson.htm. *Imortais*. Acesso em 11 de agosto de 2007.

_____. www.nelsonrodrigues.com.br. *Biografia*. Acesso em 04 de agosto de 2007.

_____. www.paginas.terra.com.br/arte/ecandido/nelson.htm. *Alguns textos*. Acesso em 05 de agosto de 2007.

www.zaz.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/artes_cenicas/cenicas. *O brasileiro do século*.

Acesso em 28 de julho de 2007.